



COMPARTILHANDO SABERES

uma publicação da Rede dos Saberes

Importância de Boaventura no nosso projeto de extensão

Boaventura de Sousa Santos carrega consigo dois conceitos importantíssimos que norteiam nosso projeto de extensão. São eles: A “Epistemologia do Sul” e a “Ecologia dos saberes”. Enquanto a primeira é o “enxergar o problema”, a segunda é o “como lidar e enfrentar o problema”

Na Epistemologia do Sul observamos que o domínio dos modelos atuais de desenvolvimento, que também passa pela ciência, serve para reforçar o processo de invisibilidade e opressão que as populações vem sofrendo, então é preciso romper essa visão de um só saber, dessa forma surge a ecologia dos saberes:

“A ecologia de saberes não é uma estratégia epistemológica ou política para dialogar com o inimigo, com os opressores, mas para criar força entre os oprimidos.[...]Os movimentos têm de conhecer essa diversidade e explorá-la a seu favor. Por exemplo, fraturar a ciência, entre a que trabalha para os agrotóxicos e a que trabalha contra os agrotóxicos. Esta última é nossa aliada e, com base na ecologia

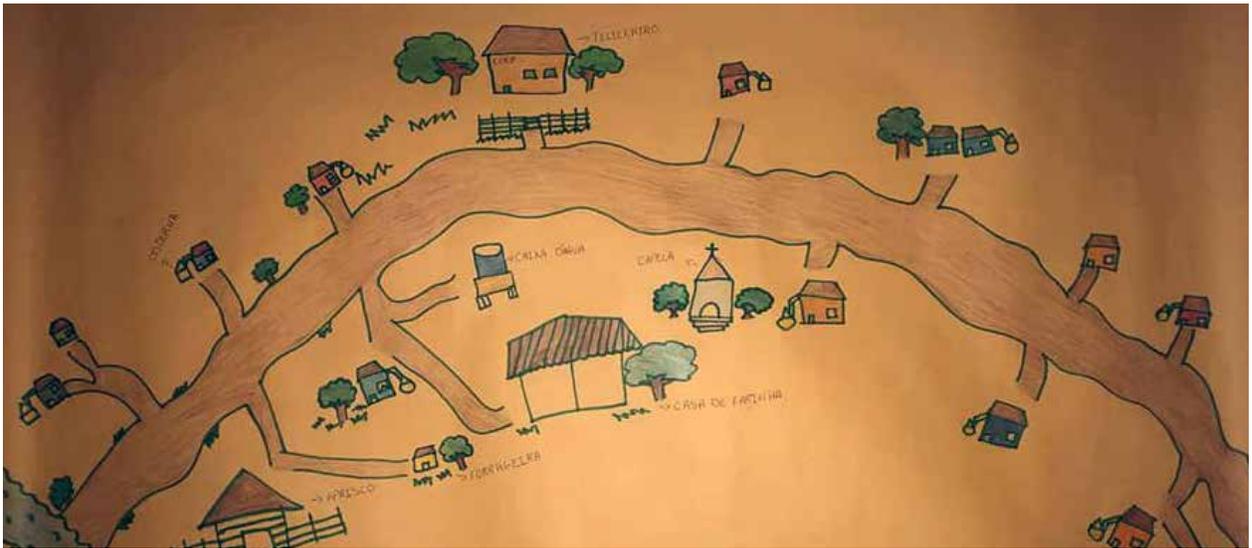
de saberes podemos fazer com que ela dialogue com saberes populares, camponeses, indígenas, urbanos, etc.” (BOAVENTURA DE SOUSA SANTOS. Disponível em: <https://docplayer.com.br/54162189-A-praxis-da-ecologia-de-saberes-entrevista-de-boaventura-de-sousa-santos-1.html>)

Para Boaventura os saberes das comunidades são importantes e é necessário promover o diálogo. A ecologia acontece nos gabinetes das universidades e/ou dos líderes de movimentos, então precisamos de um diálogo prolongado que visa dar voz aos “inaudíveis”. A ecologia vem de harmonia entre saberes distintos, processo coletivo de produção do conhecimento que tem como foco a emancipação social e dá importância a saberes transversais. Ou seja, a luta das mulheres se encontra com as lutas do campo que também se une com a luta dos indígenas, etc. Reconhecer as diferenças entre as minorias, as populações tradicionais, os oprimidos e andar juntos, pois apesar de serem oprimidos de formas diferentes, terem realidades distintas,

estão todos buscando a mesma coisa, lutar com dignidade, não serem apagadas, sobreviverem. Um ajuda o outro a lutar contra o modelo de desenvolvimento existente que os desconsidera tanto como comunidades quanto detentores de saberes e aí entram os intelectuais do conhecimento acadêmico progressista se unindo a movimentos sociais para alterar esse quadro e buscar o equilíbrio.

Assim sendo, nós do projeto seguimos essa linha de pensamento. Somos mais de 100 comunidades tradicionais diferentes que se unem em uma rede e nos propomos a fazer uma extensão e uma contra-extensão, ou seja, a partir da troca, assim como levamos a eles, também tentamos trazer pro ambiente acadêmico o que as comunidades tem como saberes e experiências, dessa forma tentando promover a cidadania e a inclusão social escolhendo atuar de 3 formas: A cartografia social, a releitura de pratos típicos e falar sobre o preconceito linguístico, os três coincidindo com a criação de uma revista eletrônica.

Cartografia social: Os mapas mentais



O que é e por que escolhemos a cartografia social?

A cartografia social é um tipo de cartografia onde os mapas são feitos por quem será mapeado, são uma forma de dar valor ao seu conhecimento espacial, como eles veem o próprio território e como representam o que é importante para eles.

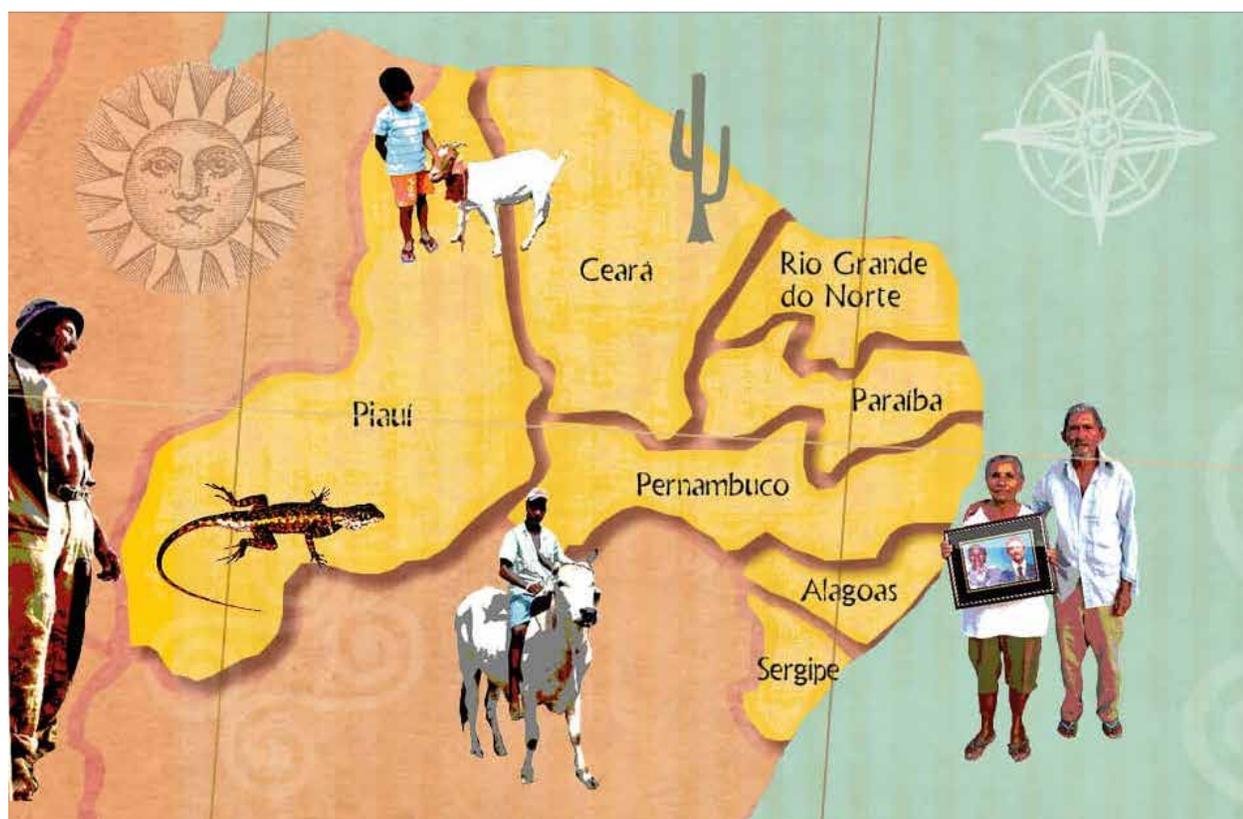
No nosso caso, os moradores das comunidades se tornam fazedores e não mais meros espectadores. É deles, por eles e para eles que estão no mapa, da forma como se veem. As oficinas, onde são feitos os mapas, fortalecem a identidade espacial no exercício de se demarcar e demarcar o espaço que habitam. Não são mais terceiros

que o fazem, seja pelo estado ou pelo meio privado que decidem, que tomam a frente e representam ali o que quer que seja. Dessa forma as comunidades estão criando autonomia. Segundo Ana Daou:

“os mapeamentos participativos ou as chamadas ‘cartografias sociais’, como têm sido mais comumente denominados no Brasil, representam um subcampo da cartografia (ACSELRAD e COLI, 2008), e se particularizam pela ênfase na participação de não especialistas na elaboração de representações espaciais” (DAOU, 2010, p.3).

Cartografias sociais também são uma forma de se proteger, já que veem aquele espaço como território deles - das populações tradicionais ali presentes - onde estão suas raízes, cultura e identidade. Assim julgam o que é importante e a partir de como representam, podemos tentar com o nosso olhar entender o deles.

Dessa forma, como esse exercício fala dos saberes das populações tradicionais, achamos uma boa forma de entender como veem o espaço, e apartir daí trabalhar os “Mapas Mentais” que foi a metodologia usada por nós e será melhor entendida no próximo tópico.



Objetivos, metodologia e limitações

Com o objetivo de buscar retorno do que já foi feito junto ao laboratório e procurar possíveis necessidades, descobrir como as populações veem o espaço, mais especificamente seu território e as relações ali existentes, e ampliar o contato e as atividades com as comunidades, traçamos nossa linha de trabalho. A metodologia utilizada foi a de Mapa Mental, que nada mais é que um mapeamento em forma de desenho livre sobre um papel de forma a expor ali o que as comunidades veem como importante no espaço. A oficina de mapas mentais foi realizada nas comunidades que se dispuseram a participar e então os agentes

comunitários iam até lá para sua realização. Entretanto, é preciso lembrar que eu como estudante de geografia e responsável por essa parte do projeto não pude estar presente pela distância e pela impossibilidade de um campo, assim tornando minha ausência nas reuniões e oficinas uma limitação que foi vencida mantendo contato via internet. Assim sendo, nossas atividades aconteceram da seguinte forma:

Acontecia uma primeira reunião com os agentes comunitários, mantínhamos contato com as comunidades através de postagem de vídeos, exemplos e textos no grupo do facebook. De-

pois os agentes marcavam uma 2ª reunião e explicavam as intenções da atividade, fazendo um trabalho de conscientização com as populações e as pessoas se reuniam e faziam o mapeamento livre a partir do que entendiam como importante no espaço das comunidades. Daí eram tiradas fotos e também assinavam um documento para comprovar atividade e, finalmente, Como primeiro resultado tivemos os relatórios e os mapas como registros.

Para mais informações sobre o passo a passo na realização das oficinas entrem no aplicativo da Rede dos Saberes.

Oficinas



Com a nossa oficina de mapas mentais buscamos realizar a troca de saberes com as comunidades e dessa forma resolvemos dar o primeiro passo para além de motivá-los, também servir de exemplo.

Nosso mapa é da Ilha do Fundão/Cidade Universitária – UFRJ e foi um exercício muito satisfatório a partir do momento que precisamos deixar um pouco de

lado a forma acadêmica de realizar atividades e também pelo fato de unir conhecimentos de pessoas que tem vivências distintas dentro desse mesmo espaço que foi desenhado.

Além disso, também é importante lembrar que meus companheiros de extensão, que não são do mesmo curso que eu, precisaram entrar no mundo da geografia e ao mesmo tempo eu

precisei conciliar com os saberes geográficos e experiências distintas que eles possuem. E foi dessa mesma forma que aconteceu nas comunidades no momento em que diversas pessoas se reuniram para também realizarem as oficinas.

Assim sendo, da mesma forma que nós enviamos para eles o nosso mapa mental, eles também nos mandaram os deles que serão mostrados mais a frente na revista.



Resultado das oficinas com as comunidades

A partir daqui vocês terão contato com fotos dos mapas mentais feitos pelos moradores, onde a partir do cruzamento das informações do desenho e dos relatórios feitos pelos agentes co-

munitários nós pudemos começar a entender mais sobre essas comunidades. Além disso encontrarão alguns fatos curiosos sobre algumas das comunidades participantes e suas histórias, alguns

programas sociais do governo que assistem a elas e também fotos tiradas por moradores, parte extraída do diagnóstico comunitário participativo aplicado nas comunidades.

Ceará

Município de Milagres

Comunidades Oitis e Catolé

Comunidade Oitis

A comunidade Oitis fica localizada a 18 km de distância do município Milagres, no Ceará. Fundada em 1877, a comunidade possui 207 moradores, divididos em 44 famílias. As atividades econômicas desenvolvidas em Oitis são a agricultura de subsistência e a criação de animais. A comunidade possui escola com ensino da 5ª à 8ª série. Também possui ônibus escolar e creche. Os principais alimentos produzidos na comunidade são frutas, legumes, verduras, hortaliças e carne. Não há posto de saúde local. A comunidade é atendida pelo

programa Saúde da Família. Além disso, a comunidade mantém em sua tradição o conhecimento sobre o benefício das ervas medicinais e o auxílio das benzedeiças para tratar suas enfermidades.

A comunidade não dispõe de rede pública de abastecimento, o fornecimento de água vem através de poços e cisternas. Oitis possui um telecentro com acesso à internet. Os programas sociais que atendem à comunidade são o Bolsa Família, PRONAF e Programa Garantia Safra.

“A comunidade de Oitis foi fundada em 1877 pelo seu primeiro habitante João Ferreira de Maria, esse vindo da Paraíba. Recebeu esse nome devido existir em boa parte da terra inúmeras e grandiosas árvores frutíferas e sombrias conhecidas como Oitis. Por esse motivo, foi dado esse nome à nossa amada comunidade! Embora tenha sido necessário fazer um desmatamento para que fossem construídas as casas, ainda contamos com algumas dessas árvores.”
Por Paula Lima



Foto: Paula Lima

Comunidade Catolé

Fundada em 1900 e situada a 13 km de distância do município de Milagres, no Ceará, a comunidade de Catolé é habitada por cerca de 140 pessoas, divididas em 40 famílias, tendo igual proporção entre homens e mulheres.

As atividades econômicas desenvolvidas na comunidade são as agriculturas de sub-

sistência e comerciais, a criação de animais e o artesanato. Os principais alimentos produzidos na comunidade são feijão, milho, fava e frutas. Não há posto de saúde local.

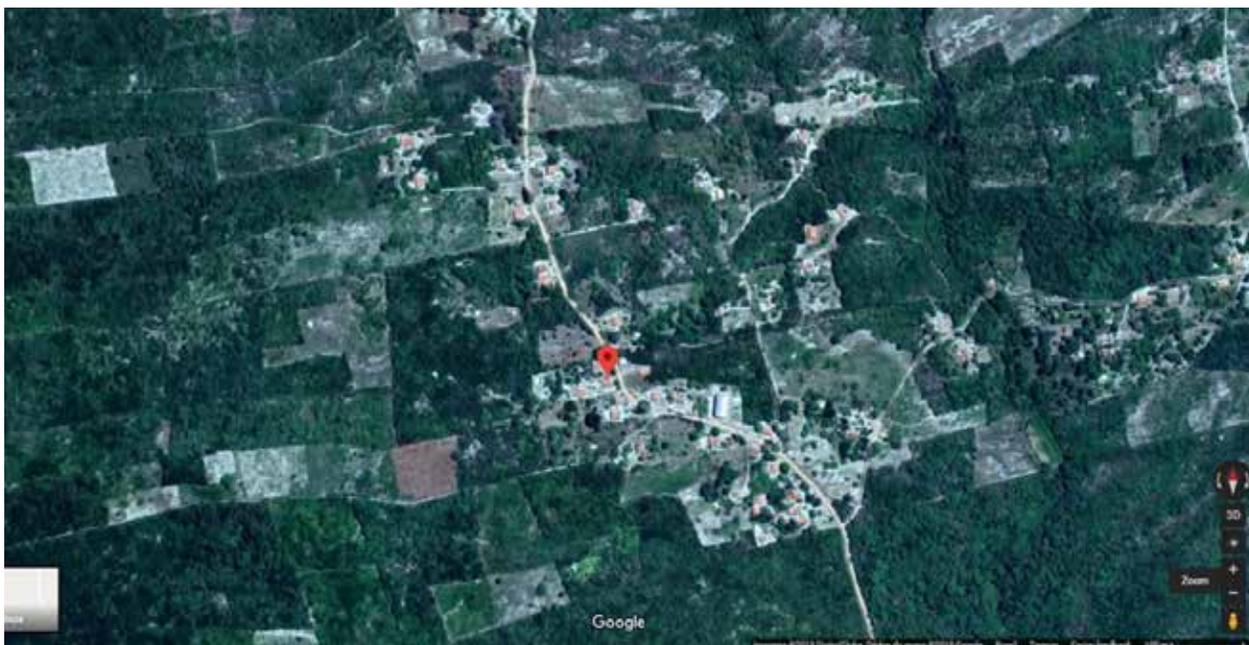
A comunidade é atendida por agentes de saúde, integrantes do programa Agente Comunitário de Saúde. Além disso, a comunidade mantém em sua

tradição o conhecimento sobre o benefício das ervas medicinais e o auxílio das benzedeiras para tratar suas enfermidades. A comunidade não dispõe de rede pública de abastecimento, o fornecimento de água vem através de poços e cisternas.

Os programas sociais que atendem à comunidade são o Bolsa Família, PRONAF e Programa Garantia Safra.



Foto: Paula Lima



Visão de satélite

Resultados

Oitis e Catolé são duas comunidades vizinhas que os moradores resolveram trabalhar juntos os mapas mentais, no entanto Catolé fez por conta própria ao saber que Oitis iria participar da oficina e então resolveu se juntar, o que nos mostra uma reciprocidade com o projeto, além de vontade de se mapear e falar sobre

sua comunidade, demonstrando um sentimento de pertencimento.

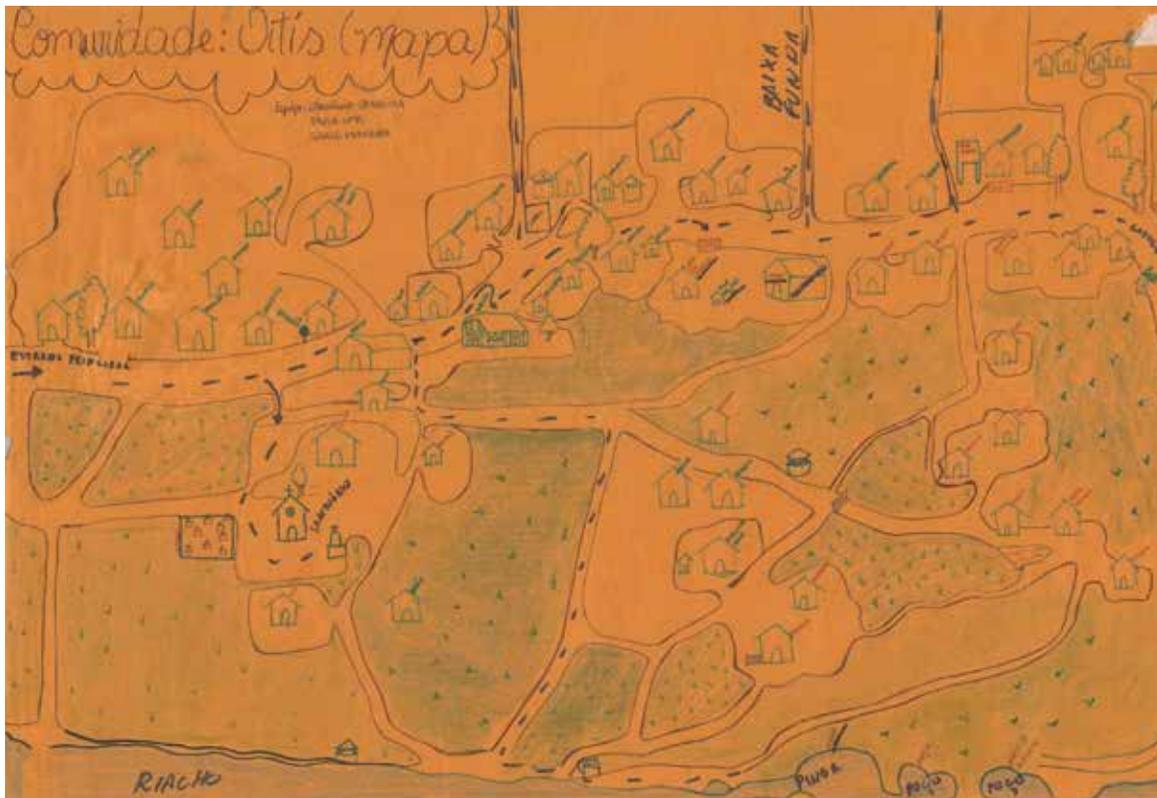
Além disso, deixaram claro que estavam realizando juntas porque conheciam as duas comunidades que são bem próximas e amigas. Elas desfrutaram do mesmo lugar e quiseram por no mapa principalmente os espaços de in-

teração entre os moradores, como os locais de reunião e o telecentro, que também nos mostra reciprocidade. Ou seja, a partir do exposto, conseguimos perceber uma relação de rede muito bem consolidada onde essas comunidades fazem trocas sociais, e possivelmente outras também não explicitadas, já que se disseram ser tão parceiras.



Foto: Paula Lima

Mapa mental de Oitis



Mapa mental de Catolé



Agente comunitário: Francisco Weggles Lima de Araújo

Pernambuco

Município de Cumaru

Comunidade Riacho de Pedra

Fundada há mais de 200 anos, a comunidade Riacho de Pedra fica localizada a 6 km do município de Cumaru, no Estado de Pernambuco. A comunidade possui 300 moradores e está dividida em 90 famílias. A população é composta em sua maioria por mulheres. As principais atividades econômicas desenvolvidas na comunidade são: a agricultura de subsistência e a criação de animais. Há um índice médio de pessoas que trabalham fora da comunidade em empregos na construção civil, de vendedor, em restaurantes e padarias. Segundo

os moradores, Riacho de Pedra de Cima tem alguns potenciais turísticos para serem visitados, como o Sítio de Jabuticabas, barragem, atividades culturais, Casa de Farinha, reservas florestais e o relevo. A comunidade possui escola com ensino da 1ª à 4ª série e Programa de alfabetização de jovens e adultos. Na área da saúde, há o acompanhamento freqüente dos agentes de saúde, que costumam realizar campanhas de vacinação. Feijão, milho, farinha, mandioca, jerimum, batata doce, inhame, peixe, ovos, carne suína e de aves, jabuticaba, acerola, cajá, caju, jaca,

cajarana, pitomba, laranja, coentro e cebolinha, são alguns dos muitos alimentos produzidos na comunidade. A água da comunidade é proveniente de açudes, barreiros e carro-pipa. A maioria das casas possui cisterna do tipo telhado. Os comunitários não dispõem da rede pública para o abastecimento de água. Em relação ao esgotamento das casas, a maior parte utiliza fossas sépticas. Os programas sociais que atendem à comunidade são: o Bolsa Família, o PRONAF, Programa garantia Site e o Programa de Crédito Fundiário e Combate à Pobreza Rural.



Foto: Dyovany Otaviano





“A comunidade de Riacho de Pedra de Cima originou-se antes mesmo da emancipação política do município de Cumaru-PE. Em épocas passadas era um lugar muito conhecido devido à fartura que as lavouras proporcionavam, assim como pela presença de plantas frutíferas como a jaboticaba, o caju, a jaca e a man-

ga. Segundo um dos moradores mais antigos, Joaquim Gomes Ferreira, Riacho de Pedra era uma comunidade que tinha uma grande extensão territorial e, por causa disso, foi dividida em Riacho de Pedra de Cima e Riacho de Pedra de Baixo. De acordo com alguns moradores, a Comunidade de Riacho de Pedra de Cima re-

cebe este nome por se encontrar bastante pedras no lugar. Uma outra sugestão colocada foi que no período de inverno, ao chover, a água levava a camada de terra que encobria as pedras e escorria pelas mesmas formando pequenos riachos, sendo isto muito comum nas estradas.”

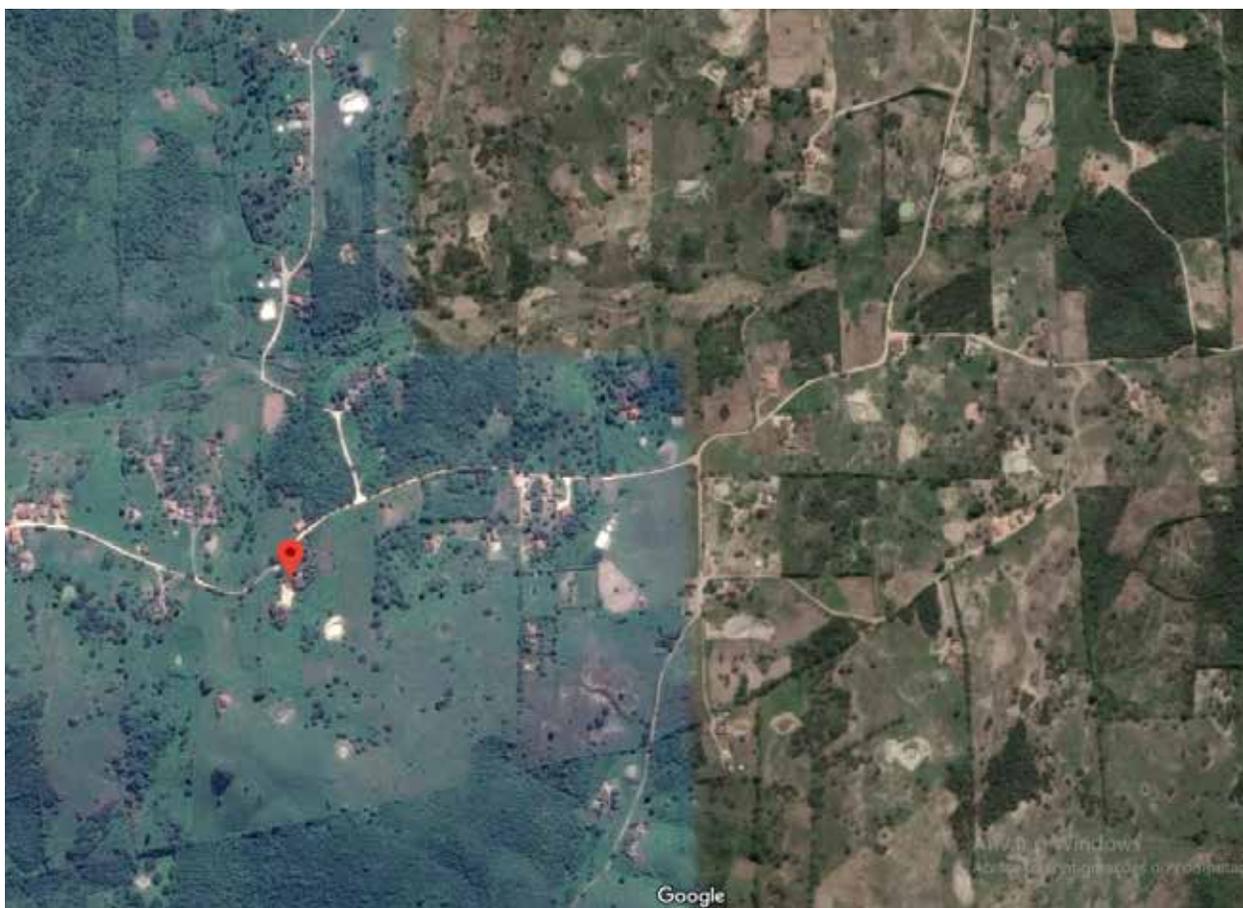
Por: Dyovany Otaviano

Resultados

Nessa comunidade, como primeira coisa a ser destacada temos a empolgação dos mais idosos em falar sobre a comunidade, assim demonstrando um sentimento de pertencimento e vontade de demonstrar seu conhecimento especial sobre aquele local. Os moradores também deram destaque ao fato de a comunidade

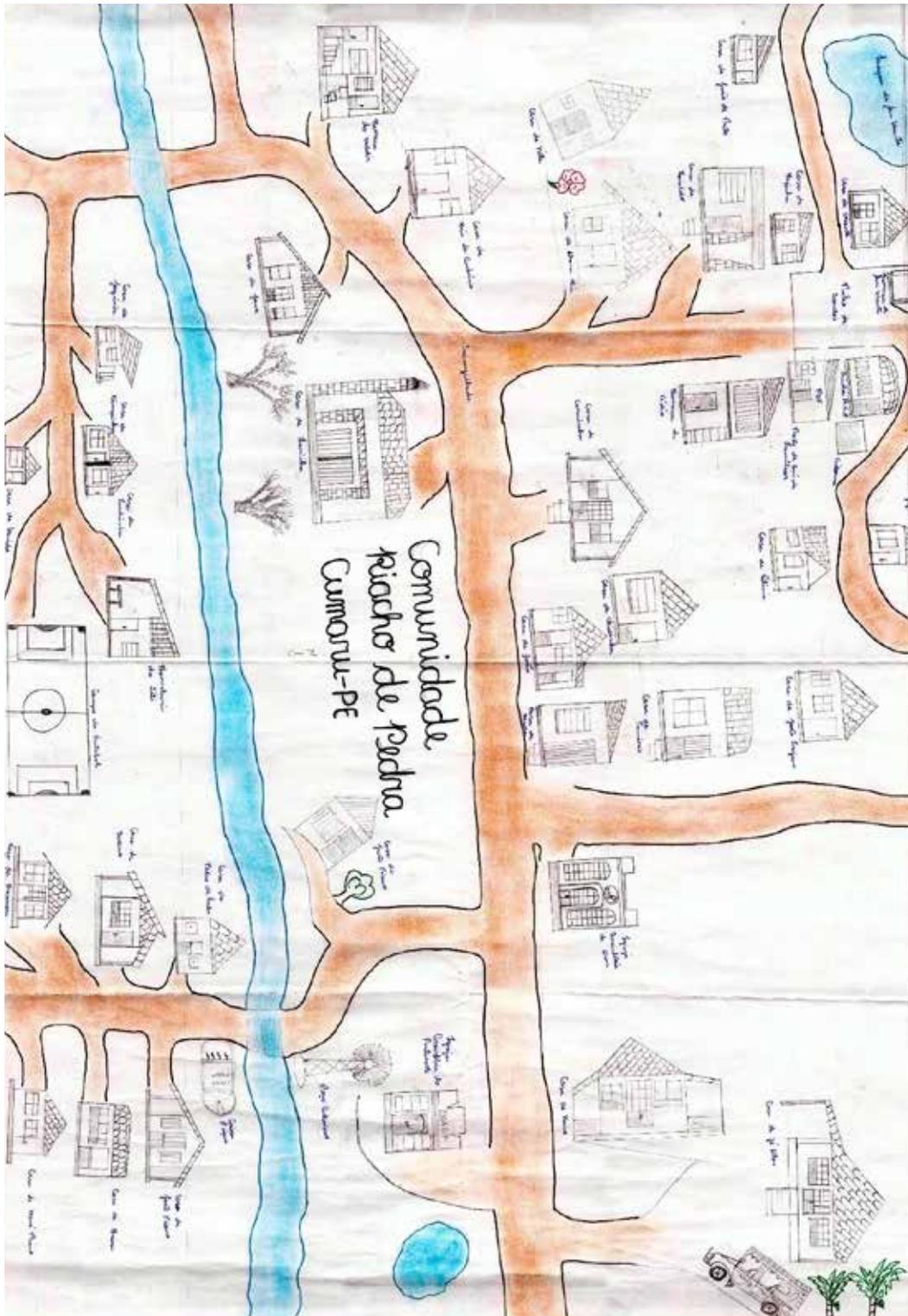
receber turistas e talvez isso tenha influência sobre o ato deles darem uma importância paisagística e arquitetônica ao mapa, onde podemos perceber muitos detalhes nas casas e em tudo que há em volta. No início do desenho eles fizeram logo de cara a casa de farinha, que além de gerar renda como atração turística também é importante

para o comércio, e assim eles resolveram começar por ali o mapa mental, o que nos enfatiza sua importância não só para eles mas também para o laboratório já que foi uma das coisas que foi desenvolvida em parceria, nos demonstrando um retorno ao saber que deu certo.



Visão de satélite

Mapa mental de Riacho de Pedra



Agente comunitário: Vandêilson Pedro dos Santos

Alagoas

Município de Água Branca

Comunidade Quixabeira

A comunidade Quixabeira foi fundada em 1989 e fica localizada a 13 km do município de Água Branca, em Alagoas. 85 famílias e 350 pessoas moram na comunidade. As atividades econômicas desenvolvidas em Quixabeira são a agricultura de subsistência, agricultura comercial, criação de animais, transformação artesanal, artesanato e

comércio. A maior parte da produção agrícola da comunidade é orgânica e os alimentos produzidos no local são o feijão, o milho e a mandioca. A comunidade possui uma escola para a 1ª à 4ª série e um programa de alfabetização para jovens e adultos. Quixabeira também possui um posto de saúde, com atendimento odontológico, e é atendida pelos

programas Mais Médicos e Saúde da Família. A comunidade dispõe de rede pública de abastecimento de água. O esgotamento das casas é feito por meio de fossas sépticas e por descarte ao ar livre. A comunidade possui um telecentro e o acesso à internet é feito via rádio. Os programas sociais existentes na comunidade são o Bolsa Família e o Programa Garantia Safra.



Foto: Leo e Jéssica Andrade



Segundo os moradores, a comunidade possui o nome de Quixabeira devido às árvores tradicionais que nascem na região.

Relato feito durante a oficina de mapa mental.



Visão de satélite



Resultados

A comunidade quis dar destaque primeiramente às suas atividades econômicas, principalmente àquelas desenvolvidas com ajuda do laboratório como a mini usina de algodão, tear e também resolveram incluir aí o telecentro. Logo em seguida falaram de sua estrada principal, a rodovia estadual AL – 145, que os conecta à outras comunidades e municípios,

dessa forma dando a entender que eles valorizam muito o que produzem, ao seu trabalho e ao que o comércio e a troca com outras comunidades traz para eles, além de nos transmitirem a importância e o retorno que os projetos realizados em conjunto conosco tem sido positivos. Além disso a comunidade quis desenhar aonde ainda existem as árvores quixabeiras e

então explicaram que atualmente tem poucas na comunidade, que elas estão aparentemente se extinguindo, dessa forma demonstrando a importância dela pra comunidade que tem seu nome justamente por essa causa. Assim, foi possível perceber um apego histórico e um pertencimento não só a sua história, mas também ao lugar e às suas atividades.

Sergipe

Município de Nossa Sra. da Glória

Comunidade José Ribamar

Fundada em 2004, a comunidade José Ribamar fica localizada a 18 km do município Nossa Senhora da Glória, no Estado de Sergipe. A comunidade possui 130 moradores, divididos em 32 famílias. As principais atividades econômicas que a comunidade desenvolve são: a agricultura de subsistência, transformação artesanal, artesanato, comércio e a criação de animais. Há um índice baixo de pessoas

que trabalham fora da comunidade. Na comunidade são produzidos feijão, milho, abóbora, tomate, melancia, ovos e leite. Na área da Educação, a comunidade possui escola com ensino da 1ª à 4ª série e o projeto de incentivo à leitura Arca das Letras. A saúde dos comunitários é tratada pelo programa Saúde da Família, além de possuir acompanhamento frequente dos agentes de saúde que realizam campanhas no local. A

comunidade dispõe de rede pública para abastecimento de água. A minoria das casas possui cisterna. Em relação ao esgotamento das casas, a maior parte utiliza fossas sépticas. A internet na comunidade pode ser acessada através do Telecentro. Os programas sociais que atendem à comunidade são: o Bolsa Família, o Pronaf, o Programa Garantia Safra e o Programa de Crédito Fundiário e Combate à Pobreza Rural.



Foto: Agno Ramon e Luciene Santos



Visão de satélite



Resultados

Em José Ribamar tivemos como destaque o fato de serem residentes de um assentamento, então quiseram mostrar além disso, suas reservas florestais e denunciaram o problema que estão enfrentando por parte de alguns assentados estarem ameaçando essas reservas. Também deram destaque a dificuldade de platio

no local, então julgaram como importante as culturas que tem conseguido cultivar, como o milho para fornagens e a palma forrageira pra alimentar o gado leiteiro, nessa hora justificando que fazem parte da Região da Bacia Leiteira de Sergipe. Além disso, também explicaram que devido a essa dificuldade na agricultura alguns

moradores buscam outras formas de geração de renda saindo da comunidade ou trabalhando na minifábrica de queijo construída com ajuda do laboratório, mais uma vez demonstrando por parte da comunidade um retorno positivo quanto aos trabalhos já anteriormente desenvolvidos.

Sergipe

Município de Nossa Sra. da Glória

Comunidade Nossa Senhora da Glória - Retiro II

Fundada em 2001, a comunidade Retiro II fica localizada a 15 km do município de Nossa Senhora da Glória, no Estado de Sergipe. A comunidade possui 120 moradores, divididos em 30 famílias, sendo a maioria da população composta por mulheres. A comunidade, por ser rural, sobrevive basicamente da agricultura de subsistência e da criação

de animais. Há um índice baixo de pessoas que trabalham fora da comunidade. Na comunidade são produzidos feijão e milho. Na área da Educação, a comunidade possui escola com ensino da 1ª à 4ª. A saúde dos comunitários é tratada pelo programa Saúde da Família, além de possuir acompanhamento freqüente dos agentes de saúde que realizam campanhas no local.

A comunidade dispõe de rede pública para abastecimento de água, com fornecimento diário. A minoria das casas possui cisterna. Em relação ao esgotamento das casas, a maior parte utiliza fossas sépticas. Os programas sociais que atendem à comunidade são: o Bolsa Família, o Pronaf e o Programa Garantia Safra.



Foto: Claudia Lunna e Eivaldo Melo



“O nome da nossa comunidade é Assentamento Nossa Senhora Aparecida. Antigamente aqui era uma fazenda cujo o nome era Nossa Senhora Aparecida. No dia 19 de dezembro de 2001 começou a transformação de fazenda para assentamento. O assentamento foi formado por 30 famílias e todos concordaram em deixar o mesmo nome da fazenda.”

Por: Edivaldo Melo



Resultados gerais das atividades em oficina

Como resultados mais gerais ao fim das oficinas realizadas pudemos obter um retorno muito positivo se pensarmos nos nossos objetivos. Muitas comunidades se propuseram a participar da atividade da cartografia social nas oficinas de mapa mental, o que nos mostra uma gratidão e reciprocidade que nos dá força pra continuar. Todas as comunidades participantes deram de-

staque ao que já foi produzido com ajuda do laboratório, como os telecentro, minusinas, cisternas, etc.

Além disso, a maioria das comunidades demonstrou interesse em se mapear e participar da atividade de forma empolgada a falar de si e de suas histórias, o que nos mostra esse sentimento característico de pertencimento

quando falamos de lugar, do nosso lugar.

Sendo assim, com as informações dispostas nos mapas e nos relatórios registrados a partir da fala dos moradores nós do projeto de extensão chegamos à conclusão de que o retorno foi muito positivo e isso nos ajuda também a pensar no que pode ser feito no futuro.



Foto: Ozeias José

Para ver mais resultados de outras oficinas com mapas mentais, é só procurar no nosso site das Comunidades Coep (<http://comunidadescoep.org.br/mapa-das-comunidades/>) e buscar sua comunidade desejada.

Preconceito linguístico



Você sabe paquerar, mas sabe o que é preconceito linguístico?

Preconceito linguístico é a discriminação existente entre os falantes de um mesmo idioma , onde não se deve atenção devida ao sotaque de cada um e muito menos suas variações linguísticas

presente na fala de um grupo específico. Esse tipo de preconceito é o mais empegado na atualidade, sendo uma grande força para a exclusão social, no Brasil isso é visto com clareza, pois grandes grupos se

dizem superiores aos seus semelhantes só pela forma de falar, onde julgam seguir e idolatrar a norma culta da língua, que ninguém consegue utilizar sempre e de forma correta.

Você já comeu mandioca, macaxeira e aipim? Todas essas formas se referem ao mesmo alimento. Na Bahia e em Santa Catarina a raiz é conhecida como aipim; em Pernambuco, Amazonas e Acre é denominada macaxeira; no Mato Grosso é comumente chamada de mandioca, porém

entre os cearenses preferem chamar de sua boa e nutritiva macaxeira. O nordeste foi palco de muito contato com outras línguas, trazendo uma pluralidade cultural, que difere e nos aproxima em muitas questões, principalmente na forma em que comemos, falamos e costumes locais. Franceses, africanos e ingleses

dominaram por muito tempo essa região, resultando numa culinária rica e variada, que se divide em zona da mata e o sertão, podendo encontrar o aipim/mandioca, o jerimum/abóbora; tudo isso mostrando as nossas diferentes formas de falar, sendo diferente no que se é igual.



"Mudanças são inevitáveis", afirma Marcos Bagno, escritor e professor de Linguística. É possível, como dito anteriormente, apontar que as

mudanças do que se é falado ocorre por conta do contato que tivemos anteriormente com outras línguas e é possível dizer que em um futuro próximo esses

nomes serão substituídos por outros, mostrando o quanto viva é a língua é. Se adaptando às nossas necessidades de comunicação.